

# PAISAGEM FAXINALENSE: ENTRE O MOSAICO E O PODER

FAXINALENSE LANDSCAPE: BETWEEN  
MOSAIC AND POWER

PAISAJE FAXINALENSE: ENTRE MOSAICO  
Y PODER

DOI: 10.5935/2177-6644.20200005

**Leonardo Kroin \***

**Resumo:** . O artigo tem como proposta analisar as transformações causadas na paisagem do Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul\PR, entre os anos de 2015 a 2020. Buscando compreender, como as modificações causadas em sua paisagem tem impactado de alguma maneira as relações e práticas desempenhadas neste faxinal.

**Palavras-chave:** Faxinal. Paisagem. Práticas.

**Abstract:** The article aims to analyze the transformations caused in the landscape of Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul \ PR, between the years 2015 to 2020. Seeking to understand, how the changes caused in its landscape have impacted in some way the relationships and practices performed in this faxinal

**Keywords:** Faxinal. Landscape. Practices.

**Resumen:** El artículo tiene como objetivo analizar las transformaciones provocadas en el paisaje de Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul \ PR, entre los años 2015 a 2020. Buscando comprender, cómo los cambios provocados en su paisaje han impactado de alguna manera las relaciones y prácticas realizadas. en este faxinal.

**Palabras clave:** Faxinal; Paisaje; Practicas.

---

\* Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. E-mail: [leonardokroin@gmail.com](mailto:leonardokroin@gmail.com)

## Introdução

Nossa reflexão busca partir da análise sobre as transformações causadas entre os anos de 2015 a 2020 na paisagem do Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul\PR, por um conjunto de antagonistas, que podem variar dependendo da conjuntura que cada faxinal encontra-se. Mas, de modo geral destacam-se: chacreiros, plantadores de tabaco, soja, eucalipto e pinus, empresas mineradoras, madeiras, etc, este conjunto é reconhecido como “gente de fora”. Tais antagonistas tem causado, ou, contribuído, para os processos de desarticulação e desagregação ao longo das décadas em vários faxinais do estado do Paraná.

Especificamente neste faxinal, destacamos a atuação do agronegócio, representado pela instalação da sojicultora, tabaco, plantio de eucalipto e pinus; como também a presença de chacreiros; além da atuação da empresa do ramo de energia elétrica Mata Viva – Conservação e Sustentabilidade LTDA.<sup>1</sup> A ação destes antagonistas têm contribuído para que, os processos de desarticulação e desagregação sobre este faxinal cresçam e modifiquem elementos de sua paisagem, elementos estes que caracterizam este modo de vida. Algumas das transformações que destacamos aqui é, a diminuição e substituição da mata nativa, formada por espécies como: (pinheiro araucária, bracatinga, bracatinga vermelha, guabirobas, araçás, pitangas, imbuia, guaçatunga), por espécies comerciais e exóticas, exemplo o eucalipto. A mudança na estrutura das cercas, também diz muito sobre estas transformações, pois carregam em si um significado de individualidade e privatização; e por último o crescimento de cercamentos individuais, chamados “fechos”<sup>2</sup>, que também carregam em si este simbolismo de individualidade. E para compreender como estes processos de desarticulação e desagregação agem e modificam elementos naturais e culturais do faxinal, modificando significativamente sua paisagem, partiremos do pressuposto que paisagem não é o que se vê, apenas, mas o que se constrói, se destrói e se sente, isto é, são realidades culturais percebidas através de representações, de valores e de pontos de orientação que são de natureza cultural e não científica (LATARJET apud GALANO, 2000, p. 85).

Para pensar acerca desta problemática, também, nos utilizamos dos conceitos de “paisagem-mosaico” e “paisagem-poder”, Schörner (2016). Tais conceitos nos auxiliaram a pensar ao longo destes últimos anos que temos acompanhado as mudanças no Faxinal Lajeado dos Mellos, algo que nos possibilitou analisar quais os efeitos e causas que tais processos

<sup>1</sup> Anteriormente, a empresa atuante neste local era a Abbaspel Indústria e Comércio de Papéis LTDA. Com sede em Porto União-SC, esta comprou em 2006, via leilão judicial da falida então, Popasa Potinga Papéis S/A.

<sup>2</sup> Segundo Roberto Martins de Souza: os fechos se constituem com 4 à 11 fios ou telas de arame em áreas de uso comum, postas pelos proprietários de terra, especialmente os “chacreiros”, cuja a finalidade é utilizar sua propriedade para fins diversos como, lavoura, tanques de peixe, plantio de árvores, colocação de granja, melhoramento da pastagem para uso privado ou mesmo, simplesmente, fechá-la para barrar o “livre” acesso.

acabam causando na configuração de sua paisagem e, de como estas transformações acabam sendo um reflexo que as relações e práticas desempenhadas entre os faxinalenses também estão passando por mudanças e, isso é demonstrado sobre os elementos que constituem sua paisagem. Adquirindo deste modo, simbolismos de privatização e individualização dos recursos naturais e, dos espaços comuns no faxinal.

Pois o faxinal, observando em sua conjuntura orgânica e tradicional não é apenas um espaço de plantio e criação, mas pode apresentar outras configurações. Conforme o excerto abaixo nos demonstra:

Até recentemente se utilizava a expressão “sistema de faxinal” para essa experiência de uso comum da terra, que conjugava criação à solta de animais e utilização comum de recursos naturais na área do criadouro comum. Ela, contudo, nos levava a um pensamento binário, isto é: o faxinal era sempre visto como uma divisão entre terras de criar e terras de plantar. Porém, quando passamos a estudar a relação entre faxinal e território para além da divisão “terras de plantar” e “terras de criar” na ótica dos/das próprios/as moradores/as, chegamos, brevemente, a três situações históricas: 1) faxinal é a “soma” das terras de plantar mais as de criar, e portanto, “o que não se faz no criadouro comum não se pode fazer nas terras de plantar, como usar veneno, plantar soja, pinus, eucalipto ou fumo”; 2) faxinal é apenas o criadouro comum, fora dele está a Comunidade e se pode plantar soja, pinus, fumo e usar veneno, coisas proibidas no “criador”; 3) faxinal designa apenas o criadouro comum, fora dele está a Comunidade o que é permitido fazer fora se pode fazer nas terras de criar: plantar soja, pinus, fumo e usar veneno. (CAMPIGOTO, SCHÖRNER E ALMEIDA, 2019, p. 6).

Como destacam os autores acima, o “sistema de faxinal”, em um primeiro momento constitui-se como a soma das terras de plantar e de criar, ou seja, apesar de separadas, o conjunto todo constitui o faxinal. Em um segundo momento, o faxinal seria apenas as terras de criar, fora dele seria a comunidade, onde são realizadas outras práticas, em maior parte áreas destinadas às monoculturas de tabaco e soja. Já em uma terceira situação, semelhante à segunda, o faxinal seria apenas o criadouro comum e fora dele encontra-se a comunidade. No entanto, o que se pode fazer na comunidade, pode-se fazer no criadouro: usar agrotóxico, plantar pinus, eucalipto etc.

Desta forma, vamos nos referir ao faxinal como um “modo de vida”, pois em sua especificidade, ele distingue-se de outros, constituindo-se único desta forma em compartilhamento da terra para a criação de animais. Enfatizamos que a junção dos elementos naturais como árvores que são nativas da região, quais já citamos algumas espécies acima, junto às aguadas<sup>3</sup> e as pastagens de gramíneas são encontradas dentro do criadouro e constituem-se em aspectos desta paisagem faxinalense; também destacamos os elementos culturais do mesmo: os mata-burros<sup>4</sup>, cercas de frechame<sup>5</sup>, plancha, ou, também podem ser

<sup>3</sup> Olho d'água: naturais, provenientes de vertentes, ou, artificiais, oriundos de tanques de pesca. Ambos percorrem por fendas a área do criadouro comum, formando poças conhecidas como “aguadas”.

<sup>4</sup> Pequena vala, ou, ponte de vigas de madeira, aço, ou, concreto, espaçadas, para evitar a passagem de animais.

<sup>5</sup> Cerca construída com pedaços de pinheiro, imbuia e bracinga vermelha, dentre outras espécies nativas. São fixadas de modo vertical ao chão, uma ao lado da outra, para criações menores não passarem.

chamadas de cercas de “vara”, além dos animais soltos.

A união destes elementos, de um modo, ou, outro, estão associados a esta forma de vida, que é o compartilhamento da terra de criar e a utilização dos recursos ecológicos de maneira coletiva, como sementes, frutos e a água. Conforme os conflitos e demandas externas e internas pressionam o mesmo, a configuração do faxinal se altera, ou seja, essas alterações se concretizam na paisagem.

Como o autor abaixo destaca:

O que muitas vezes aparenta ser somente uma “paisagem”, composta por elementos “vestigiais” de ordem ambiental e cultural identificadores da presença de um “criador comum”, comporta no tempo e no espaço, situações dinâmicas marcadas pelas discontinuidades impressas nos avanços e retrocessos sob as terras tradicionalmente ocupadas. (SOUZA, 2009, p. 47).

A mudança de elementos de ordem cultural e natural no faxinal leva aos processos, conforme nos ressalta Marques (2004), primeiramente de desarticulação, provocada por um conjunto de antagonistas, quais já destacamos. Em um segundo momento, ocorre a desagregação do faxinal, que é quando ele deixa de funcionar com pelo menos duas de suas principais características tradicionais: as terras de plantar e de criar.

Todavia, devemos ter devidas precauções em analisar as especificidades de cada faxinal, e quais são as limitações e impactos que sofreu, ou, sofre, pois são processos que podem variar dependendo das circunstâncias específicas de cada faxinal e dos antagonistas envolvidos. Essas modificações podem levar décadas para ocorrer, mas também podem acontecer em um curto prazo de tempo, como é o caso que nos chamou atenção no Faxinal Lajeado dos Mellos. Pois, nos últimos anos os processos de desarticulação e desagregação tem se evidenciado de modo mais intenso sobre o mesmo, principalmente por meio do crescimento de fechos neste faxinal.

Pois, (CHANG, 1988, p. 109) previa uma desagregação de todos os sistemas faxinais, em um período de 10 a 12 anos, algo que não se concretizou totalmente, muitos resistiram, e ainda persistem, apesar de possuírem limitações territoriais e em seus características tradicionais. Assim

Os faxinais são apenas uma das várias formas de organização camponesas em desagregação. O atual quadro de concentração da produção de alguns e a proletarização de outros recoloca a questão da produção tecnológica através da produção de soluções próprias, soluções estas que permitam relaxar as restrições de produção da pequena produção levando em conta suas especificações locais. Finalmente, cremos que podemos sugerir que, se mantido esse ritmo de transformação analisado e desenvolvimento nesse trabalho, cremos que dentro de 10 ou 12 anos, o sistema faxinal não mais fará parte do setor produtivo rural do Paraná, e sim será lembrado, talvez, como parte da história da agricultura desse Estado. (CHANG, 1988, p. 109).

Em virtude disto as estimativas têm variado sensivelmente e apresentado uma tendência ascensional. Hoje, de acordo Souza (2009, p. 30, 67 e 120), eles somam 227 e estão

classificados nas posições 1 (Faxinal uso comum – “criador comum aberto”); 2 (Faxinal uso comum – “criador comum cercado”); 3 (Faxinal uso comum restrito – “criador com criação grossa/alta”); e 4 (Faxinal sem uso comum – “mangueirões” e “potreiros”).

Como colocado, as classificações podem variar, isso se deve muito do grau de como acontece, ou, aconteceu os processos e os conflitos entorno destes, e mesmo que alguns faxinais tenham perdido parte de sua área territorial, muitos mantem e desempenham as práticas tradicionais deste modo de vida, principalmente a criação comum. Mesmo com o aumento da privatização destes espaços, pela ação dos cercamentos, não significa que este deixou de ser faxinal. Porém, na medida que os conflitos internos e externos vão se intensificando, estas mudanças vão ganhando uma concretização mais evidente perante a paisagem.

### **Paisagem, um olhar interpretativo**

Nosso esforço será pensar o conceito de paisagem sobre uma perspectiva que não se limite apenas na reflexão de aspectos visíveis, concretos, mas buscamos ampliar esta análise, para isso partiremos do pressuposto de que, paisagem não é algo apenas visto, mais sentido e percebido por outros sentidos. Assim como nos enfatiza o referente autor,

A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de múltiplas maneiras e, por conseguinte, também experimentado. Todas as formas de valores afetivos – impressões, emoções, sentimentos – se dedicam à paisagem, que se torna, assim, tanto interior quanto exterior. (COLLOT, 2013, p. 26).

Com isto nos debruçamos a pensar e ler a paisagem não simplesmente na observação de seus elementos concretos e que são visíveis aos nossos olhos, mas buscamos uma perspectiva que se amplie relacionando-se com outros sentidos. Para isso partilhamos também da visão antropológica de Samain (2012, p. 21) “como a imagem nos provoca a pensar, nos convoca a pensar”. É neste exercício de pensar e convocar o que as imagens incitam que compreendemos que o entendimento amplo e complexo das paisagens não se limita apenas a algo que é visto, mas também captado e percebido por outros sentidos (olfato, tato, audição, emoções).

O conceito de paisagem possui uma gama variada de significações, conforme aparece nos vários campos científicos. Várias são as ciências, que se debruçam sobre o conceito e o utilizam conforme seus interesses teóricos. Áreas como Geografia, Literatura, Antropologia, Agronomia e a própria História tem se apropriado da mesma para suas reflexões.

Isso se deve muito as transformações historiográficas do século XX, onde a História se viu em uma necessidade de intensificar o diálogo com outras áreas do saber, realizando um

processo de interdisciplinaridade, conforme nos destaca José D' Assunção Barros:

Tão logo se deu conta da importância de entender o seu ofício como a Ciência que estuda o homem no tempo e no espaço – e essa percepção também se dá de maneira cada vez mais clara e articulada em meio às revoluções historiográficas do século XX – os historiadores perceberam a necessidade de intensificar sua interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento. (BARROS, 2006, p. 462).

Uma das interdisciplinaridades mais notórias e importantes foi com a Geografia. Como o autor nos pontua,

Emergiu daí uma importantíssima interdisciplinaridade com a Geografia, ciência que já tradicionalmente estuda o espaço físico – e, se considerarmos outras formas de espaço como o ‘espaço imaginário’ e o ‘espaço literário’, poderíamos mencionar ainda a interdisciplinaridade com a Psicanálise, com a Crítica Literária, com a Semiótica e com tantas outras disciplinas que oferecem novas possibilidades de métodos e técnicas aos historiadores. (BARROS, 2006, p. 462-463).

Foi a partir desta relação de interdisciplinaridade que conceitos passaram a transitar de uma ciência a outra, estabelecendo relações mais estreitas, disso surgiram novas abordagens e categorias. Nessa interação entre campos do saber, uma categoria que ganhou espaço e foi abordada no campo da história foi o conceito de paisagem. O mesmo ocorreu com território e região, conceitos que a Geografia tradicional já vinha discutindo. “Noções de que logo os historiadores começariam a se apropriar para seus próprios fins”. (BARROS, 2006, p. 463).

Para o geógrafo Carl Sauer (1889-1975) divide de dois modos principais a paisagem: paisagem natural e paisagem cultural. Desta maneira, para o referido autor, a paisagem natural estaria relacionada com as formas e objetos da natureza, existentes com ou sem a presença do homem, assim:

A área anterior à introdução de atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto. Podemos chamar as primeiras, com referência ao homem, de paisagem natural, original [...]. As ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural. A paisagem cultural então é sujeita à mudança pelo desenvolvimento da cultura ou pela substituição de culturas. (SAUER, 1998, p.42-43).

A paisagem cultural seria resultante da interação do homem com a natureza, expressão da existência humana em um determinado ambiente. Nesse sentido, a cultura em relação com o meio, resultaria na paisagem cultural:

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado. Sob a influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento [...] Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga. A paisagem natural é evidentemente de fundamental importância, pois ela fornece os materiais com os quais a paisagem cultural é formada (SAUER, 1998, p.59).

Nesta perspectiva, ao observar o conceito de paisagem, pode-se notar as transformações de determinado espaço, pois as modificações sofridas ressaltam as práticas do homem ocupante dos ambientes. Dessa maneira,

A partir da análise da paisagem, o território rural possui ligação com práticas nele registradas. Isto é, podemos utilizar a abordagem visual para descrever as práticas dos agricultores impressas na paisagem: trata-se de ler a paisagem para entender o sistema de práticas agrícolas, e vice-versa. (FLORIANI, 2011, p. 83).

O faxinal que tem como uma das principais características a criação comum de animais, seria oriundo desta interação do homem com a natureza. Uma parcela da vegetação nativa que se encontrava nesta paisagem foi se alterando conforme o ser humano foi implementando elementos na mesma, como cercas, porteiras, mata-burros; por fim, constituindo-se em um modelo característico do que seria denominado faxinal.

Esta interação do ser humano com a natureza é um processo em constante transformação e revela as características de um determinado lugar a partir da combinação conjunta de elementos físicos, biológicos e da ação humana. A interação de tais elementos faz com que a paisagem esteja em dinamismo permanente de evolução, representando reflexos da cultura dentro da qual foi construída. Para Bertrand (2004), a paisagem cultural:

É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 2004, p. 141).

Assim, a paisagem não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana, estando em contínua reorganização e transformação, contemplando o homem e os valores relacionados à cultura, de modo que sempre tende a se modificar, conforme as ações do homem sobre ela. Conforme destacado por Bertrand, em uma perpétua “evolução”.

É neste sentido que a História transformou o conceito de paisagem em algo de extrema importância em seus estudos, quando, no século XX, como já destacamos, passou para o status de ciência que estuda o homem não apenas no tempo, mas também no espaço, averiguando não apenas suas marcas e ações passadas, mas permanências. Deste modo, a paisagem passa a ser um possível reflexo destas mudanças e acontecimentos, tanto do homem, como da sociedade de que este faz parte.

Compreendemos a partir daí que a História busca por meio destas novas fontes que surgem, tais como narrativas, imagens (quadros, pinturas, fotografias, gravuras), a possibilidade de refletir e analisar que a paisagem em si, faz parte do espaço em que o homem está inserido. Assim, as diferentes paisagens que se formam são transformações da ação do homem no tempo e espaço em diferentes lugares do mundo. Um exemplo, desta visão sobre a paisagem como reflexo da ação do homem sobre seu meio, seria o Brasil Colônia, onde os primeiros a trabalharem com a descrição da paisagem seriam principalmente os cronistas portugueses do século XVI e XVII. Seus trabalhos de descrever as terras recém descobertas, a sua flora e fauna, foi um primeiro exercício de narrar como constituía-se a paisagem deste

local, por meio de cartas, manuscritos, diários, gravuras e pinturas.

Devemos ressaltar que estes cronistas descreviam a paisagem brasileira sob o viés do olhar europeu, em uma perspectiva de “descobridores”, de um olhar “civilizador” e, deste modo, ignoravam totalmente a ação dos povos indígenas que aqui já habitavam, como transformadores e organizadores da paisagem. É neste sentido que destacamos a perspectiva da autora:

Entretanto, ao deixar de retratar o que existia no território sobre o qual o povoamento português avançou, reafirma-se o conteúdo dos textos historiográficos que descrevem o sertão como um vazio. Contraditoriamente, Aroldo de Azevedo nos alertou sobre a existência de uma paisagem indígena, desconsiderada por geógrafos em razão de uma tradição que fixa temas de pesquisa de cada ciência e, acrescentaríamos, negada por historiadores em virtude de teorias e ideologias. (CORRÊA, 2006, p. 64-65).

Entendemos, que primeiramente os cronistas descreveram a paisagem deste novo mundo como algo “selvagem”, sem marcas da transformação humana; logo depois, com o estabelecimento concreto dos portugueses nestas terras, tudo que não fosse um avanço lusitano sobre esta paisagem, era considerado um sertão um “vazio” assim como destaca Corrêa (2006). A autora ainda nos resalta, utilizando-se da visão de Aroldo de Azevedo apud Corrêa (2006), que a existência da paisagem indígena era desconsiderada por geógrafos e negada por historiadores, em virtude de teorias e ideologias. Aqui vale mais uma vez ressaltar, que antes da história passar por uma revolução no século XX, e caracterizar-se como uma ciência, a mesma apenas considerava como evento histórico e objeto de estudo, o feito de grandes personagens (reis, rainhas, imperadores), os grandes acontecimentos, documentos escritos e de cunho oficial.

Todo o resto era ignorado, outras formas documentais (como relatos orais) principal forma destes povos se comunicarem e repassarem saberes e práticas aos descendentes, era taxada, vista como sem importância e, desta forma, excluídos dos estudos da história. Nesta lógica, é visível a negação por parte dos historiadores do período em não escrever e destacar a ação dos povos indígenas que viviam aqui. Cabe ressaltar também, que não é só neste período que a história destes povos foi negligenciada. Conforme a referida autora nos enfatiza,

Se, por um lado, já está mais do que batido que a historiografia brasileira, até recentemente, ignorou os índios como sujeitos na nossa história, por outro, pouquíssimas tentativas foram feitas no sentido de recuperar a memória sobre essas sociedades num espaço concreto. Ao procedermos dessa forma, resumimos a questão indígena, até o início da República, ao genocídio. Desvia-se a atenção da luta pela soberania sobre um espaço (terra, paisagem, recursos naturais) e sobre aqueles que o habitam. Talvez possamos ver nos índios isolados ainda existentes na Amazônia um resquício dessa situação pretérita desprezada. Recuperar as populações indígenas na história significa discutir o processo de invasão e ocupação do território brasileiro e do estabelecimento de suas fronteiras. (CORRÊA, 2006, p. 65).

Refletir sobre a constituição das diferentes paisagens também é uma forma de pensar sobre os diferentes povos, sua identidade, cultura, modo de vida e de como se organizaram ao

longo da história. Não apenas os indígenas, mas também os quilombolas, seringueiros, castanheiros, ribeirinhos, sertanejos, ciganos, vazanteiros, pantaneiros, geraizeiros, faxinalenses e tantos outros povos tradicionais deste país. Compreendemos que as relações desenvolvidas entre estes povos no tempo e espaço são marcadas em aspectos e elementos que são refletidos na paisagem, de modo que ela sempre tem algo a nos revelar. Desta maneira, realizar uma leitura sobre a paisagem nos revelaria aspectos de extrema importância para compreender outras versões da história, outras realidades; não focando apenas na história dos descobridores europeus, a conhecida “história oficial”.

### **Configuração da Paisagem-mosaico**

Segundo Schörner (2016, p. 7),

A paisagem-mosaico está relacionada ao modo de vida camponês e a tipos específicos de posse e utilização da terra em diversas regiões do mundo, o que resulta num modo peculiar de fazer agricultura. É uma paisagem que expressa formas diversas, cheiros, sabores, cores, memória, esperanças e orgulho por parte de quem a pratica em sistemas agrícolas tradicionais que foram/são caracterizados pela diversidade de culturas adaptadas a locais e ecossistemas específicos.

A configuração desta paisagem é típica e predominante nas pequenas e médias propriedades, ou seja, nas residências faxinalenses, em que não se pratica o aproveitamento coletivo da terra e dos recursos naturais. Distinta daquelas existentes em regiões de predominância da grande propriedade, (criadouro ou terras de plantar), esta acaba nos apresentando aspectos que devem ser captados para além do campo de nossa visão, do que é nos visivelmente mostrado, o que de certa forma também ocorre com a paisagem-poder.

Os quintais<sup>7</sup> são o maior exemplo das paisagens-mosaico, pois nos apresentam de maneira harmoniosa os elementos (cores, formas, traços) por meio das espécies existentes neste espaço, onde cada uma seria uma peça e que juntas formariam um mosaico. As formas e traços perceptíveis nesse mosaico não são caracterizados apenas de maneira geométrica reta, cartesiana, mas sim, sobrepõe-se e se destacam pelas curvas, dobras, ondulações e texturas; as cores também se evidenciam em várias tonalidades, expressando um colorido diferenciado sobre o espaço. Nesta direção, aguçamos outros sentidos para sua contemplação e interpretação. Com isso nos encontramos na posição de perceber os aromas, sabores e demais sensações por meio das espécies de plantas. Todavia, estes estão sujeitados a variações e mudanças na medida que sua estrutura física e concreta passa por alterações.

É importante enfatizar que os quintais das residências faxinalenses apresentam esta mescla de elementos de maneira mais quantitativa e enfática, justamente pela gama variada de espécies de plantas que se encontram sobre estes espaços. Assim, as cores, formas, tons e cheiros que assinalamos, destacam-se mais nestes lugares, do que em qualquer outra área do

faxinal. Além de ser um espaço amplo, contendo uma vasta variedade de plantas, como legumes, verduras e até mesmo árvores frutíferas (laranjeiras, limoeiros), nos quintais também são encontradas plantas medicinais como hortelã e camomila e temperos, tais como cebolinha e salsa (os chamados cheiro verde), que são indispensáveis na preparação de alimentos. Também, há as espécies de flores que colorem o espaço e ganham um papel de destaque, principalmente na primavera.

Outro aspecto enfático deste espaço é sua característica de “sustentabilidade”, justamente por ser uma das formas mais antigas de manejo da terra, e por conter uma múltipla variedade de espécies, que contribuem para o sustento das famílias e também se estruturam muitas vezes para um viés econômico, como destacado no excerto abaixo,

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato esse que, por si só, indica sua sustentabilidade. Embora esse sistema de produção de múltiplas espécies tenha provido e sustentado milhões de pessoas economicamente, pouca atenção científica tem sido destinada ao assunto. (AMARAL; GUARIM NETO, 2008, p. 330).

O quintal configura-se no faxinal como um espaço predominantemente feminino, pois são as mulheres que realizam a manutenção e limpeza nestes locais, além de compartilharem as experiências com seus pares, dentro ou fora da comunidade. Realizam a trocas de conhecimentos e práticas, das mais variadas, como receitas, plantio e manuseio de ervas medicinais, que são utilizadas por “benzedadeiras” locais.

Quintais domésticos são reservatórios de agrobiodiversidade em comunidades rurais mundo afora. Em muitas culturas, as mulheres são responsáveis pela manutenção dessa prática. Essa tarefa cotidiana constitui-se em uma importante atividade doméstica, garantindo o acesso das famílias a uma dieta saudável e adequada ao gosto e às tradições locais. As mulheres preservam a agrobiodiversidade através de plantações em alta densidade de espécies subutilizadas de forma que seus quintais se transformam em um laboratório de experiências para adaptação de variedades locais não-domesticadas. (OAKLEY, 2004, p. 37).

Apesar de o espaço do quintal ser predominante feminino, os homens também exercem práticas dentro dele, todavia, sua presença não é diária como a feminina. Em grande medida este se ocupa mais com os aspectos econômicos sobre este espaço, cultivando espécies que possibilitem em um produto de ganho de capital, no final. Um exemplo a ser citado, seria a produção da erva-mate, cujas mudas são cultivadas em um canteiro no quintal, mas são plantadas em outro espaço, nas terras de planta ou no criadouro comum, cercado-se a área.

Demétrio<sup>6</sup>, nos ressalta um pouco desta prática da seguinte maneira:

Erva-mate. Tá lá em cima enterrada, fiz sozinho, fiz as muda, plantei um tanto aqui numa área aqui na roça plantei, só que perdi o serviço sabe, porque ela nem bem pego, meio nova a muda sabe, mais do cedo que eu plantei aqui pra baixo aqui, esta tá indo, e qualé foi plantado antes um pouco dessa seca ela pego, ela sentiu muito a seca sabe, falta de umidade na terra, bastante pé

<sup>6</sup> Entrevista concedida a Leonardo Kroin, em 28 de maio de 2020.

faltou sabe, secou de uma vez, até tem um pouco de muda lá no canteiro num vo replantá agora, porque sabe, agora a planta já não cresce mais tá dormindo né, porque chego pro inverno né, se for pra plantá o resto, tem de plantar despois do inverno na brota nova né, porque dai vai, agora sabe, se plantá agora não não desenvolve, porque tá morrendo [...]

Cabe destacar que a participação masculina nos cuidados com o quintal é menos frequente pelo fato de o homem faxinalense se ocupar de outras tarefas, como no trabalho nas terras de plantio, (roças) que são a maior parte da renda familiar. Nas roças, geralmente se trabalha em família: o pai trabalhando junto aos filhos e netos homens que ainda residem na comunidade, produzindo lavouras de tabaco, soja, milho e eucalipto. Outro ponto a ser salientado é que a maior frequência masculina no quintal se dá por conta de uma idade mais avançada, ou seja, quando o faxinalense, obtendo sua aposentadoria, trabalha no quintal para afastar o ócio.

A relação que os moradores possuem com seu quintal e ambiente que os cerca é de grande importância para a compreensão desta paisagem, pois suscita a construção e reconstrução da mesma junto à leitura dos elementos. Neste sentido, as expressões que os faxinalenses empregam neste contato diário com o espaço são importantíssimas para o entendimento da relação que eles possuem com seu meio.

As práticas desenvolvidas correntemente nos quintais faxinalenses (capinar, plantar, colher, armazenar) e saberes (produção de chás, receitas, armazenamentos), tanto femininas como masculinas, dependendo das atividades desenvolvidas neste espaço, permitem uma construção de conhecimento específica que cada faxinalense pode possuir de seu meio. O modo íntimo de se relacionar com o espaço do quintal se resume nas expressões “sangue da terra”<sup>7</sup> e “suco da terra”.<sup>8</sup>

Como nos explica o próprio autor destas expressões, Demétrio Antoniv,

É um suco e uma “sangue da terra”, já digo colorido já é “sangue da terra”, mais a terra tem sangue, porque a própria terra tem nervo, ela tem a mesma coisa que o corpo da gente, porque o corpo da gente tem a carne, e tem aquelas filtro fininho por meio da carne, o principal é veia, né, é, mesma coisa que vem uma água pelo vertente pras barroca né, é uma veia né, é mesma coisa, corpo da gente, o terra é igual.

Em entrevista realizada no dia 28 de maio de 2020, Demétrio nos destaca a expressão “suco da terra” dizendo que:

Esse é, pois tudo que a planta que aproveitando suco da terra, é mais valido do que fosse de química né, porque o que é natural da terra é natural, veja que suco da terra já digo, uva tinta, de parrera, comé que ela tira suco da terra e faiz aquela sangue, né, tudo colorido, né, cê vê a terra, quanto mistério a terra tem, que diversa planta e diverso fruto dá, e a terra é um suco só, né, sabe né;

As expressões utilizadas pelo faxinalense nos remetem a vários aspectos e

<sup>7</sup> Expressão de Demétrio Antoniv. Entrevista concedida a Leonardo Kroin, em 20 de julho de 2019.

<sup>8</sup> Expressão de Demétrio Antoniv. Entrevista concedida a Leonardo Kroin, em 28 de maio de 2020.

desencadeiam vários sentidos. Estas expressões são aquelas que nós devemos, segundo Montenegro (2006, p. 47), “rachar”, justamente na tentativa de compreendê-la de maneira mais profunda.

Entendemos, então, que tanto “sangue da terra” como “suco da terra” significam a mesma coisa, ambas estariam relacionadas a uma expressão para designar os adubos naturais presentes na terra, formados por materiais orgânicos, que são oriundos do próprio quintal. Estes elementos sistematizam-se, quando Demétrio se utiliza de outra expressão “quanto mistério a terra tem”, indagando-se como a fruta uva produz uma coloração por meio do uso destes nutrientes vindos da terra. É este tipo de saber e prática que ainda permanece no faxinal.

O depoente assimila as expressões com as funções das “veias” e “nervos” do corpo humano. Assim, a terra também possui nervos e veias, que se espalham pela mesma, nutrindo-a, deste modo, o “sangue” como o “suco” seriam a junção dos nutrientes provenientes da terra, que fazem com que as plantas cresçam e produzam de maneira mais quantitativa, sem o uso de insumos químicos.

Estas expressões sistematizam o conhecimento que cada faxinalense adquire e possui do ambiente que frequenta diariamente, algo que não é apenas transferido de geração em geração, mas vai em direção ao que Giraldo (2018, p. 80) destaca, ou seja, que “o conhecimento dos camponeses e camponesas, independentemente de sua etnia, não pode ser separado de seus contextos de vida; surge em sobreposição contínua com o lugar habitado”. Em outras palavras, tal conhecimento é construído no cotidiano, por meio da atuação e observação de seu ambiente.

Nesta perspectiva, entendemos que o faxinalense não só molda a paisagem, criando formas, mas também cria formas específicas para sistematizar suas práticas e saberes que absorve cotidianamente e as verbaliza em expressões como as que destacamos. Quando realizamos seu “rachamento”, ali está contido todo um conhecimento da observação junto à prática que estes faxinalenses exercem diariamente não apenas dentro do seu próprio quintal, mas no ambiente da comunidade como um todo, estabelecendo uma relação tanto de construtores como de transformadores desta paisagem. Assim,

A produção da paisagem pelo agricultor é entendida como ato de suas práticas a partir das quais ele mobiliza as proporções, as escalas, os ritmos, as cores, as sombras e as luzes. Desse modo, o agricultor é também produtor de formas. E se o agricultor produz formas, há também uma linguagem visual da agricultura que resulta, mais que dos processos técnicos de produção, da maneira de agricultor pensar sua atividade e a sua relação com o meio. Aqui se concretiza a independência e a autonomia do agricultor em relação ao mundo do sistema racional. (DEFFONTAINES apud FLORIANI, 2011, p.85).

Por ser mais acessível, o quintal acaba tornando-se o espaço mais transformado e

produzido, pois ali é estabelecido um contato diário entre faxinalense e o espaço. Nesta perspectiva de produção e modificação, fazemos o uso de um corpus de imagens que nos possibilita pontuar os aspectos destas modificações e produções das paisagens faxinalenses. Além de explorar os vários adjetivos que enfatizamos, por meio de uma relação de diálogo com as imagens. Tendo como ponto de partida os quintais.

### **Configuração da Paisagem-poder**

A paisagem-poder que pretendemos discutir neste tópico se configura dentro do território faxinalense como a que vêm vencendo, sobressaindo-se, em uma perspectiva de privação de recursos comuns e naturais. “A paisagem-poder está relacionada à propriedade e é centrada na propriedade capitalista. É uma paisagem hegemônica; é a paisagem que “venceu” ou expressa uma idéia de vencedores”<sup>9</sup> (SCHÖRNER, 2016, p.30). São lugares onde, através da intervenção mecanizada, uma paisagem-mosaico é transformada conforme a imagem fabril procedente da indústria (Shiva, 2007) de maneira que essas paisagens agrárias se convertem em espaços homogêneos com um marcado predomínio da linha reta e de figuras quadrangulares próprias da geometria euclidiana. (GIRALDO, 2018, p. 33-34).

Assim, a ruralidade industrializada termina sendo um registro estético da ortogonal arquitetura urbana (NOGUERA, 2004), de modo que os ecossistemas caóticos, na ótica do capital, vão sendo mutilados e ordenados geometricamente por aparatos mecânicos que os aplainam,<sup>10</sup> que os delimitam e os funcionalizam em claras porções aráveis, controláveis, para assegurar divisas segundo os desígnios da valorização econômica e da cobiça da civilização capitalista. (GIRALDO, 2018, p. 34).

Antes de entrarmos propriamente na discussão de paisagem-poder e de como esta se configura dentro do Faxinal Lajeado dos Mellos, faz-se interessante enfatizarmos a ótica que alguns faxinalenses, principalmente os que residem há mais tempo na localidade, possuem sobre a paisagem que está em sua volta e observar como eles identificam as transformações operadas no espaço ao longo do tempo. Assim, podemos compreender também a desagregação dos elementos, que se deu primeiramente sobre os aspectos naturais.

Demétrio e Verônica<sup>11</sup> destacam a década de 1970 como a precursora de mudanças na paisagem faxinalense, justamente quando começaram a aparecer os tratores e as motosserras.

---

<sup>9</sup> [...] a efetividade dessa vitória reside na estética, que se expressa na capacidade tecnológica de produzir um espaço ordenado de acordo com a ortogonalização do projeto agroextrativista, na produção de espaços de acordo com a geometrização e disciplinarização da natureza. (Giraldo, 2013, p. 104).

<sup>10</sup> Aplainar pode significar alisar (madeira); nivelar (um terreno) ou desaparecer. Além disso, pode significar remover arestas, igualar, remover as dificuldades, superar, simplificar. Já como antônimos de aplainar temos frisar, encrespar e enrugar.

<sup>11</sup> Entrevistas concedidas a Leonardo Kroin, em 1 de abril de 2016.

A partir daí se inicia, de fato, a propagação da modernização agrícola, conforme relatam os depoentes,

Essa destruição começou, quando começaram, eu não sei que ano foi, começaram a comprar trator, um compro outro compra, outro compra, e daí começou os maquinário, hoje não segura mais. Mais, ano 1971, 1972, por ai que começou, né. É mais ou menos isso. É, porque antes não tinha trator. Mais ou menos isso. Isso, isso.

Eles ainda destacam,

Isso, isso, isso. Muito destruído né, bastante destruído. Tinha mais mata nativa, ih, mais, mais, mais, bastante. Não, não tem, hoje tá mais limpo. Hoje mudou muito. Ah, tinha bastante palmeira pra fruta, pra porcada come, guabiroba, né, cereja, isso tinha bastante, pinheiro, pinhão, né, até, hoje não tem nem pinheiro. Imbuia também tinha bastante.

Claudio<sup>12</sup>, irmão de Demétrio também enfatiza este aspecto de mudança no ambiente, “Ih, noto, é o dia a noite, rapaiz sabe; mudo, mudo, mudo, os mato tão destruindo, maior parte destruiu, se sumindo bicharada, também os caçado já terminaram, antis tempo via veado onde quisé né, hoje não tem muita coisa, muita coisa mudo, não tinha”. O depoente salienta que até os animais silvestres diminuiram, vítimas de caçadores. A predação destes bichos e a destruição de seu habitat, ou seja, destas áreas de vegetação, força os ainda sobreviventes, a migrarem para outros espaços.

O faxinalense Osvaldo<sup>13</sup> já nos apresenta uma visão diferente sobre o Faxinal Lajeado dos Mellos. Ele afirma que as modificações no espaço foram muitas e destaca até mesmo que o faxinal vai acabar, pelo fato de muitos estarem cercando as áreas. Entendemos desta forma, que sua perspectiva vai ao encontro da aplicação da lógica capitalista sobre a terra. Vejamos nas palavras dele:

Mudo, mudo, ih antigamente era cento e sessenta alquere de faxina, agora não da oitenta de faxina né, o povo cercaram quase tudo, cercaram e tão cercando né, vai acabar o faxinal, e a firma vai fechar mais quarenta, cinqüenta alqueire, vai acabar o faxinar; tão deixando, tão acabando, porque num, a criação não vai mais, então eu prefiro pranta calipo, pranta erva, e pranta pinho, do que luta com criação né, criação dá muita despesa.

O depoente apresenta uma visão que se alinha pela concordância com o fechamento das áreas do faxinal, pois afirma que no faxinal a criação dá muita despesa, então prefere plantar eucalipto, pinus e erva-mate, espécies que geram mais lucratividade. Segundo a expressão dele mesmo: “então eu prefiro prantá calipo, prantá erva, e prantá pinho, do que lutá com criação né, criação dá muita despesa”. Por meio das imagens que trouxemos para a reflexão, observamos que as áreas do criadouro comum têm diminuído consideravelmente, os fechos têm se propagado através dos cercos individuais e da empresa Mata Viva, que cercou grande parte do espaço do faxinal.

<sup>12</sup> Entrevista concedida a Leonardo Kroin, em 19 de abril de 2015.

<sup>13</sup> Entrevista concedida a Leonardo Kroin, em 20 de abril de 2015.

Os trechos acima nos oferecem uma visão do início desta desagregação, dos elementos naturais, algo que se intensificaria com o aumento quantitativo deste aparato tecnológico como o uso do trator, da motosserra, implementação de monoculturas. Aliado a isso, outros condicionamentos, como a utilização intensiva de insumos químicos, individualizações e privatizações de terras de uso comum, vêm rompendo o sentimento de coletividade e apagando a solidariedade existente entre os faxinalenses, pois este processo de reorganização pautada no capital modifica também as relações interpessoais entre os membros da comunidade. Conforme nos aponta (GIRALDO, 2018, p. 104) as “emoções, desejos e sentimentos” destes sujeitos também são modificados concomitantemente à transformação do espaço em que vivem.

Todas estas transformações têm se evidenciado na paisagem, onde os “cercados” se apresentam em maior quantidade pelo faxinal, em estruturas diferenciadas, e a mata nativa também cede espaço para plantações de eucalipto e pinus, além de erva-mate, mas de maneira cercada, privatizada, como nos afirmou o próprio depoente. A descrição a seguir, narrada por Demétrio e sua esposa Verônica<sup>14</sup>, nos oferece mais detalhes importantes sobre a paisagem:

Cedro tinha. Você vê, que foi tudo perdido, meu pai fez a cerca pra terra de plantá, sabe, você vê que era sacrifício partir os palanque, sabe, de imbuia, imbuia braziná, sabe, ele sofreu algum resto, porque se vê, ele partir palanque, como ele sofreu, coitado, sabe, pra abri, serra a imbuia, atorá pra palanque, ele serrava, traçava com minha mãe, sabe, os dois, né, com a serra do vai e vem, sabe, né, hoje tem motosserra que é mais fácil, passa ali; serrava a imbuia, pra partir esta imbuia, pra começa, não tem como abrir o brejo, sabe, começa a tora, né, o que ele fazia, ele pegava o machado, com machado ele batia, com o machado ele fazia o sinal pra abrir só um pouquinho, daí aqui tinha a canga, ainda tinha canga, sabe, e de canga ele serrava aquelas torrinha lá, partia, fazia cunha de madeira dura, de canga, fazia cunha de madeira assim cumprida, quando abria este brejo com machado lá enfiava a madeira lá, cunha, e marreta não tinha, do mesmo canga fazia uma torrinha, furava, com entrada com buraco, e daí fazia um cabo, e com aquela torrinha de madeira dura, tipo marreta fazia, aquilo batia cunha, aquilo, pra abrir a imbuia; abria as vez a imbuia assim desse tipo, assim, pra frente assim não ia né, basta abrir lá um pouquinho já, ele com machado tinha que recortar dentro os reverso, né, pra pode estoura; era sacrifício, então ele fez daqui do Lajeado, até lá no mata burro, tá, ele, ele tanta imbuia partiu.

Esta era parte da vegetação que estava agregada ao Faxinal Lajeado dos Mellos antes de 1970. A partir desta década as modificações com a exploração da natureza foram se intensificando e, nas duas primeiras décadas do século XXI, de modo mais latente. O pouco que ainda persiste encontra-se em processo de privatização, ou seja, os espaços são fechados por meio de cercas e com apenas uma entrada por uma porteira e a mata é derrubada para a implantação de espécies comerciais, ampliação de lavouras ou construção de chácaras.

Além de destacar espécies de árvores nativas que estavam agregadas à paisagem do faxinal como o cedro, a cerejeira, o pinheiro-araucária e a imbuia, principalmente, Demétrio faz menção de práticas realizadas naquele contexto, relacionadas a construções de cercas,

<sup>14</sup> Entrevistas concedidas a Leonardo Kroin, em 1 de abril de 2016.

fabricação de palanques, na ação de serrar manualmente. Enfatiza-se aqui, o que Collot (2013), nos chama a atenção, o fato de que a paisagem pode despertar também “impressões, sentimentos e emoções”.

Ao lembrar desta paisagem física, desta natureza que fazia parte de sua infância e adolescência, o faxinalense também se recorda dos seus pais, do contato familiar, do trabalho desde jovem, das dificuldades. São aspectos que não podemos deixar de fora da leitura, pois fazem parte da paisagem vivida pelo faxinalense, são emoções, sentimentos que são recordados a partir da reconstrução da paisagem que se mantém viva em sua memória.

Demétrio faz referência às ferramentas manuais, por exemplo a serra vai e vem, machado e cunha, feita da própria madeira derrubada, eram utensílios de uso braçal e demandavam grande esforço físico para a realização dos trabalhos. Naquela época não possuíam motosserra, ferramenta que facilitaria muito na execução das tarefas.

Demétrio<sup>15</sup> continua narrando como era a situação no faxinal antigamente e, no trecho a seguir, frisa as dificuldades impostas pelo ambiente que sua família precisou enfrentar. Faz novamente referência à imbuia e a quantidade expressiva existente da espécie na localidade, destacando que essa madeira era mais usada para a construção de cercas.

Se vê, como pessoa, pessoa sobrevive, criou nós, e tudo, e deu pra sobrevive, e ninguém tava pelado, e ninguém morria de fome, e tinha coisas pra vende e tinha tempo pra tudo; ele cortava esta imbuia, fazia este palanque, ele fez todo à cerca de pau a pique, sabe, imbuia de plancha, plancha, de pé, sabe, então se vê, quanta madeira que ele consumiu, porque hoje podia existir, essa imbuia pra gente serrar algum palanque, como não tem, naquela época tinha bastante imbuia, ele fez cerca só de imbuia, tinha sossego pra alguns anos, mais quando começou apodrecer verando chão, atorou tudo, sabe, não sobrou uma prancha, apodreceu tudo né, porque no chão apodrece tudo, né, sempre não fica né; então ele, cavocava valeta, pnhava as prancha de pé, daqui, daqui, socava terra aqui, fincava cerca de pé, e ia pra frente, esparramando, né.

Esses trechos nos auxiliam a pensar sobre os elementos constituintes da paisagem do Faxinal Lajeado dos Mellos, sobretudo os aspectos naturais, sem deixarmos de levar em conta os sentimentos, impressões e emoções que ressoam da narrativa do faxinalense ao rememorar a configuração do espaço e de seus elementos constituintes antes das transformações direcionadas e impulsionadas sob a lógica do acúmulo de capital. Novamente, a paisagem rememorada e vivida não é vista e tida como apenas física, mas entra no âmbito do simbólico, do cultural, segundo o autor abaixo:

A paisagem, eu afirmaria, é um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signs através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado. (DUNCAN, 1990, p. 106).

Quando há modificações significativas, no entanto, e com isso, o surgimento de novos

<sup>15</sup> Entrevista concedida a Leonardo Kroin, 1 de abril de 2016.

signos no espaço, tais como porteiras, regime de cercas, portais, implantação de monoculturas, há um direcionamento transformador também de relações. Alterando-se a paisagem, também se altera a cultura. Em suas falas, os depoentes se referem a uma vegetação existente de forma densa no faxinal algumas décadas atrás. Isso não significa que a exploração e diminuição da mata nativa não ocorresse antes do aparecimento da mecanização, antes da década de 1970, pois, conforme destaca o Demétrio<sup>16</sup> em outro trecho da entrevista, “então se vê, quanta madeira que ele consumiu, porque hoje podia existir, essa imbuia pra gente serrar algum palanque, como não tem, naquela época tinha bastante imbuia”.

O processo de desagregação da mata nativa de algumas décadas atrás era mais lento e os objetivos eram outros. A utilização da madeira extraída tinha como propósito a manutenção e construção das cercas e casas, prioritariamente, e, esta madeira era a única alternativa existente. Com a aparição do motosserra e de fios de arame farpado, advindos da mecanização agrícola, que teve como precursores os imigrantes riograndenses destacados por Filho (2009) por exemplo, fez aumentar e acelerar o processo de modificação no faxinal, no que se refere à construção de cerca e ao fechamento dos terrenos. Osvaldo<sup>17</sup> em sua fala, também ressalta o fato de que antigamente a vida do povo era penosa, justamente pelos obstáculos do ambiente e da falta de recursos. Ele destaca:

Ah mudo, mudo, indireito a vida do povo né, o povo sofria muito, depois que entro a prantá de eucalipto, prantá de pinho, prantá de erva, o fumo, daí mudo a vida do povo né, que diz que o povo tão passando bem agora né, não é como antigamente né, agora é tudo mais fácil né, você vê, tem trator, tem, tudo maquinário financiado pelo governo, então adianta muito a lavora né.

Deste modo, compreendemos que décadas atrás a vegetação era extensa e muito bem distribuída pela área do faxinal e o próprio Demétrio,<sup>18</sup> enfatiza isto quando utiliza a expressão “Ih, mais, mais, mais, bastante” em referência a uma mata abundante. Em seguida diz que “hoje tá mais limpo. Hoje mudou muito”. Antes mesmo de se colocar desta maneira o depoente já mostra como vê a situação em que a vegetação que se encontra no período atual no faxinal “Muito destruído né, bastante destruído”.

Outro aspecto é atentar-se para o significado e simbolismo socialmente incorporado nas cercas “modernas” construídas no espaço do faxinal. Elas estão na contramão de uma “sociabilidade” que preconiza a utilização em comum do espaço, pois se voltam para um “regime” cujo objetivo é restringir, limitar e privatizar terras e deslocamentos.

Deste modo, as alterações que acontecem na paisagem do criadouro comum desagregando elementos tradicionais deste modo de vida, dando lugar a cercamentos

<sup>16</sup> Entrevista concedida a Leonardo Kroin, em 1 de abril de 2016.

<sup>17</sup> Entrevista concedida a Leonardo Kroin, em 20 de abril de 2015.

<sup>18</sup> Entrevista concedida a Leonardo Kroin, em 1 de abril de 2016.

individuais, implantação de espécies comerciais, porteiras e portais em chácaras, se inserem na perspectiva de que o individualismo exerce um poder simbólico por meio dos elementos inseridos e modificados sobre o uso comunitário.

Com essas ações o ideal de coletividade gradativamente vai se perdendo e os moradores vão se condicionando a um novo modelo de vivências no espaço sem muitas vezes se darem conta disso. Em síntese, vão perdendo ou transformando as suas identidades. O poder exercido por alguns age naturalizando comportamentos de outros, como fosse algo “mágico” segundo o autor do excerto abaixo.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isso significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. (BOURDIEU, 1989, p.14-15).

Assim, o poder simbólico sobre estes novos elementos que surgem tem se materializado na paisagem faxinalense, tendo como propósito a naturalização das ações de fechamento. Desta forma, as ações sistematicamente articuladas de fechar os espaços, resultam, ainda que indiretamente, a exercer pressão sobre os indivíduos que pensam de modo contrário a esta visão de privatização e individualização dos espaços comuns.

Quando destacamos a substituição de cercas de frechame ou das caracterizadas pelo uso de poucos fios de arame e palanques de madeira, por cercas com muitos fios e palanques de alvenaria, a discussão não se resume necessariamente em pensar a mudança do material destes elementos, a problemática está em refletir como estas transformações implicam nas relações dos faxinalenses com o espaço do criadouro comum, pois a ação do homem sobre o meio opera as transformações da paisagem e, em consequência, as relações interpessoais.

Como nos direciona Giraldo,

Ou seja, os processos de valorização do capital baseiam-se, primeiro, em uma ruptura que desencadeia uma certa relação emocional que liga os agricultores entre si, bem como entre eles e a terra, e depois reorganiza seus comportamentos, emoções, desejos e sentimentos. o imaginário metafísico de produção e consumo. (GIRALDO, 2018, p. 104).

Esta reorganização do comportamento que o autor nos assinala, tem afetado a solidariedade existente nas comunidades faxinalenses sobre o compartilhamento das terras de criação, já que as cercas apenas servem para inibir, impedir os animais de aproximarem-se das áreas de lavouras e das casas. Este desejo desencadeado por uma racionalização pautada no acúmulo de capital sobre a terra e a exploração de seus recursos naturais leva a uma crescente utilização destas de modo individualista, aumentando áreas cercadas dentro do faxinal. Assim,

se acentua uma crescente racionalidade econômica, que Giraldo (2018, p. 44) entende da seguinte maneira: “Por racionalidade econômica, entende-se essa maneira de submeter tudo o que existe às leis do mercado e de apreender o ser humano como um agente que executa suas ações motivadas pelo lucro”.

Este individualismo advindo desta busca para acumular lucro sobre os espaços e tudo o que este possa oferecer também interfere nos saberes tradicionais destas comunidades, na relação que os moradores possuem com seu meio. O sistema como um todo é pressionado a deixar de lado o cultivo e a preservação de espécies nativas, além de implicar em negligência na manutenção delas, pois seria um desperdício investir em algo que não oferece uma possibilidade de lucro. Shiva (2002) nos chama a atenção para o fato de que, perante o saber científico dominante, o saber local é ilegítimo, insignificante, defasado. Em suas palavras a autora destaca que:

Além de tornar o saber local invisível ao declarar que não existe ou não é legítimo, o sistema dominante também faz as alternativas desaparecerem apagando ou destruindo a realidade que elas tentam representar. A linearidade fragmentada do saber dominante rompe as integrações entre os sistemas. O saber local resvala pelas rachaduras da fragmentação. É eclipsado com o mundo ao qual está ligado. Desse modo, o saber científico dominante cria uma monocultura mental ao fazer desaparecer o espaço das alternativas locais, de forma muito semelhante à das monoculturas de variedades de plantas importadas, que leva à substituição e destruição da diversidade local. O saber dominante também destrói as próprias condições para a existência de alternativas, de forma muito semelhante à introdução de monoculturas, que destroem as próprias de existência de diversas espécies. (SHIVA, 2002, p. 25).

A pressão para que se fechem áreas dentro do criadouro advêm desta perspectiva, na qual as monoculturas podem oferecer uma rentabilidade lucrativa tentadora, por meio de uma utilização da terra voltada para isso. Antes de passar para um estágio concreto, caracterizado por meio de cercas e estruturas diferenciadas dentro do faxinal, que carregam em si o simbolismo de algo privado, configurando-se, a nosso ver como paisagem-poder, estas pressões se infiltram na mentalidade das pessoas, fazendo-as adotar a perspectiva de que a terra seria mais útil produzindo algo que gere lucro, benefícios econômicos. Assim, este saber dominante da indústria de monoculturas e do agronegócio acaba excluindo outras formas de saber, de organização, de modo de vida que sejam contrários à lógica capitalista de venda, de exploração, de implementação deste saber.

### **Considerações Finais**

O

Observamos isso pela pressão que as fumageiras exercem não apenas na comunidade do Faxinal Lajeado dos Mellos, mas na região de modo geral, estabelecendo regras de venda de insumos, pesticidas, regando a compra do produto final, medindo sua qualidade,

oferecendo também assistência técnica, que é em muitas das vezes apenas para acompanhar a safra e induzir o produtor a comprar mais insumos, a ampliar a área de produção. O ex-secretário de agricultura de Rio Azul, Julian<sup>19</sup>, também destaca a pressão exercida por parte das fumageiras, enaltecendo que faz parte de um conjunto de coação difundido pelo agronegócio. Salienta ainda que,

Mais, os maiores problemas, mais, conflitos do faxinal, esta com o agronegócio que esta estabelecido lá né, tanto as fumageiras que fazem pressão para que se tenha plantio dentro da área, é, plantio de soja também é uma pressão dentro dos faxinais, plantio de madeira, eucalipto, pinus, enfim, este pacote todo do agronegócio tem feito muita pressão para dentro do faxinal, e isso tem causado ao longo de tempo uma pressão para que haja muitos fechos, os chacareiros compram áreas lá dentro e acabam fazendo pressão para que se feche [...].

Nesta reorganização de comportamentos, observamos que dentro do faxinal tem se desencadeado outras problemáticas não se limitando apenas ao crescimento de monoculturas e aumento de áreas cercadas, mas também, como já assinalado no texto, no uso intensivo de agrotóxicos derivados destas atividades, os quais têm impactado o meio ambiente e interferido em práticas, como por exemplo, a da produção do mel.<sup>20</sup> Deste modo, o aumento intensivo e acelerado de insumos químicos nas áreas de lavouras tem contaminado água e solo, causando impacto negativo sobre o ecossistema como um todo, sobretudo aos insetos que realizam a polinização.

Assim como assinala Giraldo,

Os pesticidas, por outro lado, também representam uma ameaça à mesma produtividade do sistema, uma vez que 75% das culturas mais importantes dependem de polinizadores bióticos, que são seriamente afetados pelo crescente uso de inseticidas. Estima-se que existam 20 mil espécies de polinizadores, muitas delas ameaçadas pelo uso de pesticidas. (GIRALDO, 2018, p.63).

A utilização massiva destes insumos agrícolas químicos tem levado a uma preocupação constante dos especialistas com o meio ambiente nos últimos anos, em todo o mundo. Mais especificamente no contexto do Faxinal Lajeado dos Mellos, tudo isso contribui exponencialmente para a transformação e desagregação do espaço faxinalense, principalmente nas práticas tradicionais que se agrupam em um conjunto que designamos como paisagem-mosaico. Apesar das áreas de lavouras se localizarem fora do criadouro comunitário, a potencialidade destes agrotóxicos de dispersarem-se pelo solo e pelo ar, afetam o espaço do faxinal, contaminando fontes de água, que se ligam às aguadas. Além disso, atingem também rios e floradas das espécies nativas que existem neste espaço.

<sup>19</sup> Entrevista concedida a Leonardo Kroin, em 28 de fevereiro de 2020.

<sup>20</sup> Em relação à exploração das terras do faxinal para a agricultura, nos referimos a (RUNNING, 2012, apud GIRALDO, 2018, p. 63), ao destacar que “O aumento do uso de fertilizantes sintéticos para substituir a degradação do solo - que aumentou 500% nos últimos cinquenta anos - não apenas degradou a fertilidade da terra, mas também poluiu a água, causando a proliferação de algas e a morte de peixes”.

Este direcionamento tem alcançado e atingido de alguma maneira as comunidades tradicionais pelo mundo, com o prejuízo de que este modelo de produção tem como premissa a exploração predatória do solo, poluição das águas e esgotamento de todos os outros recursos naturais, interferindo de algum modo na vida destas comunidades, seja restringindo-lhes o espaço e/ou coagindo, ainda que indiretamente os membros de comunidades tradicionais, incluídos aí os faxinalenses, a aderir a essa sistemática capitalista de individualização de áreas.

Na perspectiva do referente autor,

O sistema agroindustrial que se expande sem considerar os campos do mundo depende de fertilizantes minerais, que aumentam constantemente sua produção desde meados do século anterior. Esses produtos utilizados pelo agrocorporativismo, mas também pelos médios e pequenos agricultores inseridos na lógica do pacote tecnológico, geraram efeitos desastrosos para a saúde do ecossistema. (GIRALDO, 2018, p.62).

O autor ainda destaca,

Por meio de uma imposição imperceptível dos regimes tecnológico, cultural e representacional do agroextrativismo, os estados nacionais - com a tutela das grandes instituições que norteiam a agricultura no mundo - tentam criar as condições necessárias para a territorialização do modelo agroindustrial. (GIRALDO, 2018, p. 68).

As comunidades tradicionais e vertentes de agricultores familiares que de uma maneira ou outra tentam resistir a estes modelos de produção, trabalhando com culturas de orgânicos ou ainda na prática de uma agricultura de subsistência e sem a utilização de agrotóxicos, são taxadas de atrasadas e retrógradas. Como enfatiza Shiva (2002, p. 23) “quando o saber local aparece de fato no campo da visão globalizadora, fazem com que desapareça negando-lhe o status de um saber sistemático e atribuindo-lhe os adjetivos de “primitivo” e “anticientífico”.

Como em outras comunidades tradicionais, os tentáculos do mercado do agronegócio têm chegado às comunidades faxinalenses, o que não se configura como algo novo, pois as monoculturas de mercado como tabaco, soja e eucalipto já se fazem presentes há muito tempo nestas comunidades. O assédio do agronegócio tem tentado muitos a mudarem sua forma de produção e cultivo, principalmente os que compram terras ali para construir chácaras ou mesmo os filhos e netos dos faxinalenses mais antigos e/ou já falecidos.

Shiva (2002) ressalta que onde o saber local não é extinto por completo, as comunidades resistem à destruição ecológica perpetrada pela introdução de monoculturas. “Disseminar o verde” com eucaliptos é algo contrário à natureza e seus ciclos e está enfrentando a resistência de comunidades que dependem da estabilidade dos ciclos naturais do meio para obter seus sustentos.

Originada de uma possibilidade lucrativa, a independência e individualização de cada sujeito, leva-o a cercar e a privatizar áreas que antes compartilhava em comum. Assim, essas

práticas se acentuam e o círculo se fecha, conforme frisa O'Connor 2001 apud Giraldo (2018, p. 60) “em um círculo vicioso condicional de “dinheiro em busca de mais dinheiro”- elas estão nas condições naturais e sociais das quais todo o processo econômico depende para continuar operando”.

Em um primeiro momento, reiteramos, existiu uma desagregação de elementos naturais, advinda do surgimento de mecanismos que aceleraram o processo de modificação da natureza; em seguida, houve um processo de introdução de novos elementos no espaço do faxinal, como cercas mais bem estruturadas e com novo simbolismo; em um terceiro momento, principalmente nas últimas duas décadas, houve um aceleração, advindo do crescimento das monoculturas de soja, pinus, eucalipto e tabaco, guiadas por um mercado de exportação (caso da soja e tabaco), e de acúmulo de capital por parte do eucalipto e pinus.

A indústria agroindustrial, não têm se manifestado apenas no estabelecimento de monoculturas e em tecnologias para a produção delas, com máquinas cada vez mais modernas, insumos químicos mais potentes, melhoramento genético de sementes e de espécies vegetais, raças de animais etc, mas se revela como algo mais amplo, conforme ressalta Giraldo:

Mas o império agroindustrial não se contenta em explorar a terra para usá-la de acordo com sua racionalidade metafísica. Também visa a unir todas as formas de existência dos povos em um modelo homogêneo baseado em monoculturas com sementes geneticamente modificadas, uso intensivo de pesticidas e fertilizantes químicos sintéticos. A globalização agro-extrativa é um trem perturbado que se espalha por todo o mundo, resultando em enormes resíduos e poluentes profundos que se espalham pelo subsolo, pela água e pela atmosfera. (GIRALDO, 2018, p. 35).

Este conjunto ideológico advindo do agronegócio, acaba utilizando-se de vários mecanismos para coagir povos e comunidades a seguirem seu saber dominante, impondo as monoculturas e seu conjunto agroindustrial como única alternativa para o crescimento e prosperidade econômica, social e política destes povos.

## Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SOUZA, Roberto Martins de. (Orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2009.

AMARAL, Cleomara Nunes do; GUARIM NETO, Germano Guarim. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.-dez. 2008.

BARROS, José D' Assunção. **História, região e espacialidade**. Revista de História Regional 10 (1): 95-129, Verão, 2005.

BARROS, José D' Assunção. **História, Espaço e Tempo**. Varia História, Belo Horizonte,

vol. 22, n° 36: p. 460-476, Jul/Dez 2006.

BERTRAND, G. 'Paisagem e Geografia Física Global: esboço metodológico. Revista Ra'E Ga, n.8 Ed. UFPR, Curitiba, 2004. (p. 141-152).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRITO, M. A.; COELHO, M. F. Os quintais agrofloretais em regiões tropicais – unidades auto- sustentáveis. **Agricultura Tropical**, 4: n. 1, p. 7-35, 2000.

CAMPIGOTO, José Adilçom, SCHORNER, Ancelmo e ALMEIDA, Marisangela Lins de. **Nascentes e povos tradicionais: faxinais e revitalização ambiental**. Irati: Mimeo, 2019.

CHANG, Man Yu. **Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná**. Londrina: IAPAR, 1988.

COLLOT, Michel. Pensamento-paisagem. In: **Poética e Filosofia da Paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013, p. 17-47.

CORRÊA, Dora Shellard. **Historiadores e Cronistas e a Paisagem da Colônia Brasil**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, n. 51, p. 63-87, 2006.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In:\_\_\_\_\_. 1990(p. 90-125).

FLORIANI, Nicolas. **Saberes e Práticas de Territórios Agroecológicos**. Ponta Grossa: UEPG, 2011.

FILHO, Francisco Adyr Gubert. O Faxinal. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SOUZA, Roberto Martins de. (Orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2009. (p. 132-149).

GALANO, Ana Maria. Entre nostalgias e sinais de uma nova estética: observatórios fotográficos de paisagens da França. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem, n. 1, Vol. 10, p. 83-101, 2000.

GIRALDO, Omar Felipe. **Ecología política de la agricultura: agroecología y posdesarrollo**. Chiapas: Ecosur, 2018.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Rachar as palavras. Ou uma história a contrapelo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, n. 1, p. 37-63, jun. 2006.

NOGUERA DE ECHEVERRI, Ana Patrícia. **El reencantamiento del mundo**. Universidad Nacional de Colombia/Programa de la Naciones Unidas para el Medio Ambiente, 2004.

OAKLEY, Emily. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca: como pensam as imagens. In:\_\_\_\_\_. **Como pensam as imagens**, Campinas: Editora da Unicamp, 2012. (p. 21-36).

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. (p. 12-74).

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2002.

SCHÖRNER, Ancelmo. **A paisagem-mosaico e paisagem-poder**. Mesa Redonda 4: "Paisagens, Territórios e Sistemas de Produção Material e Cultural de Comunidades Rurais Tradicionais". Casla (Casa Latino Americana), Curitiba, 2016.

SCHÖRNER, Ancelmo. **Os processos de desestruturação e desagregação dos Faxinais de Rio Azul (PR) - 1970-2011**: terra, território e territorialidade. Irati, julho de 2015.

### Entrevistas

Claudio Antoniv. Entrevista concedida a Leonardo Kroin, na localidade Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul\PR, em 19 de abril de 2015.

Claudio Antoniv. Entrevista concedida a Leonardo Kroin, na localidade Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul\PR, em 01 de abril de 2016.

Demétrio Antoniv. Entrevista concedida a Leonardo Kroin, na localidade Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul\PR, em 19 de abril de 2015.

Demétrio Antoniv. Entrevista concedida a Leonardo Kroin, na localidade Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul\PR, em 01 de abril de 2016.

Demétrio Antoniv. Entrevista concedida a Leonardo Kroin, na localidade Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul\PR, em 20 de julho de 2019 e 28 de maio de 2020.

Oswaldo Melo Sotoski. Entrevista concedida a Leonardo Kroin, na localidade Faxinal Lajeado dos Mellos, Rio Azul\PR, em 20 de abril de 2015.

Julian Marcelo Fronczak. Entrevista concedida a Leonardo Kroin, na cidade de Irati/PR, em 28 de fevereiro de 2020.

Recebido em: 26 de novembro de 2020.

Aprovado em: 02 de dezembro de 2020.